

## A pesquisa em fontes primárias na Amazônia paraense / *Primary sources research in Pará state Amazon*

Germana Sales\*

Professora de Literatura Portuguesa da Faculdade de Letras e da Pós-Graduação em Letras da UFPA

 <http://orcid.org/0000-0002-2120-7364>

Recebido em 15 out. 2019. **Aprovado** em: 31 out. 2019.

### Como citar este artigo:

SALES, Germana. A pesquisa em fontes primárias na Amazônia paraense. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, Edição Especial, p. Port. 67-79 / Eng. 68-80, nov. 2019. ISSN 2317-2347.

### RESUMO

O presente texto apresenta o movimento cultural na cidade de Belém do Pará consoante ao movimento cultural existente no Brasil durante o século XIX. A abordagem parte da análise em fontes primárias e espaços de circulação de leituras, quer seja pelos anúncios de obras à venda em jornais, a presença de comércio de livros, a inauguração do Gabinete de leitura, posteriormente denominado Grêmio Literário Português ou as diferentes instituições de pesquisa e ensino constituídas nesse século. Fomentada a partir de um movimento pós colonização, a introdução da literatura estrangeira na cidade foi significativa e aponta a existência de um público leitor, constantemente atualizado das novidades chegadas do território europeu e disponíveis para venda ou aluguel, no gabinete. A partir da recuperação dessas informações é possível demonstrar o cenário efusivo dessa província, ilustrado pelas diversas atividades culturais e que estava harmonizado com os demais centros do país, cuja efervescência cultural também ocorria.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fontes primárias, História da leitura, História cultural.

### ABSTRACT

*This paper presents the cultural movement in the city of Belém, state of Pará in line with the broader national cultural movement underway during the nineteenth century. The adopted approach is grounded in the analysis of primary sources and reading circulation spaces, represented either by the announcement of works for sale in newspapers, book trading practices, the inauguration of the Reading Room, later known as Grêmio Literário Português or by the different educational institutions of research and teaching constituted in that century. Encouraged by a post-colonization movement, the introduction of foreign literature in the city of Belém was rather meaningful and pointed to the existence of a readership, steadily updated on the news coming from Europe and available for sale or rent in the Reading Room. The access to this information allowed us to demonstrate the effusive scenery of this province at the time, illustrated by the various cultural activities, which were in tune with the other large centers of reference in the country, where cultural effervescence prevailed.*

**KEYWORDS:** primary sources; History of Reading; Cultural History

---

\*

 [gmaa.sales@gmail.com](mailto:gmaa.sales@gmail.com)

## 1 Introdução

A constituição de um território ocorre pela congregação de diferentes fatores que incluem a população, a vegetação, a geografia, o comércio, a constituição política e econômica, e também pelas instituições educacionais e culturais que dão sustento à formação intelectual. No *Ensaio corográfico sobre a província do Pará*, de Antonio Ladislau Monteiro Baena, estão referidas seis escolas de primeiras letras na comarca de Belém do Pará, na primeira metade do século XIX, quando existiam ainda as escolas de língua latina, “uma no bairro da Sé e outra no da Campina”, uma escola de retórica, uma escola de filosofia racional e moral e, nas escolas de primeiras letras havia uma específica para meninas não pertencente ao Estado, paga pelas próprias alunas e frequentada por vinte e duas. Sobre a existência de bibliotecas, o autor pontua: “Não há uma biblioteca inerente às escolas estabelecidas que como parte essencial do ramo da instrução pública ofereça nos seus livros um auxílio pronto, perene e proporcionado aos estudos da mocidade, que queira esses registros fiéis dos conhecimentos dos homens que os compuseram” (BAENA, 2004). Nesse período as livrarias estão falidas, segundo o autor do *Ensaio*: “Das livrarias, que foram dos Jesuítas e dos Mercedários, já nada remanesce”. A obra descreve um cenário vazio, onde não há bibliópolas, ou livreiros, e somente existem três lojas de mercadores, que comercializam

abecedários, e pequenas obras para uso de meninos, e os livros clássicos de Gramática Latina, de Retórica e de Filosofia, e também livros místicos, obras de devoção. Agiológicos, e novelas destituídas de filosofia e moralidades, que lisonjeiam as paixões mais comuns, e outras em que os bons costumes e o bom senso não são respeitados. (BAENA, 2004).

Embora o cenário reportado pelo militar e historiador português António Ladislau Monteiro Baena não seja dos mais promissores em relação à história cultural, podemos pinçar algumas situações favoráveis para inferir a circulação da escrita e da leitura na então província do Grão-Pará. A existência de escolas de ensino voluntário e particular eram três e, ainda que esparsas, atenderam um público de aproximadamente cento e oitenta meninos e “este número unido com o das escolas precedentes faz a soma de trezentos e setenta e um indivíduos, que se aplicam ao estudo das letras” (BAENA, 2004). Numa população formada por uma parcela de brancos e outra significativa de escravos, o grupo com acesso à instrução é diminuto, mas aponta para um cenário mais propositivo quando há referências aos livros, principalmente às

novelas, que como sabemos era o que formava o gosto do público, e que na visão do autor não atendem à boa leitura.

Também em relação à imprensa, os dados da obra a relacionam com certa mediocridade, ao classificar como “folhas e meias folhas volantes, a que dão o nome de periódicos, e nos quais lançam com destemida pena desaforadas gravunhas” (BAENA, 2004)

2 Fontes recuperadas

Os dados históricos nem sempre correspondem à realidade ou podemos ler as informações nas entrelinhas ou então visualizar o muito no pouco apresentado. Dessas informações contidas no Ensaio parti para uma visita aos periódicos da época e foi possível identificar referências à publicação de um romance folhetim O Gaúcho, no jornal Correio Paraense, de 1839.



A circulação de um romance-folhetim em 1839, ano em que o gênero estreou no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, com a publicação em série da novela *Edmundo e sua prima*, de Paul de Kock, demonstra o quanto a província estava atualizada com as informações que vinham da Europa, incluindo a venda de livros, da qual já há notícias no jornal *Treze de Maio*, no dia 29 de novembro, de 1845:

— Em casa de Viuva Colares & C.<sup>a</sup> se achão a venda as obras seguintes a saber.  
O Judeu Errante em 10 Tomos.  
Memorias de Minha Capella, Viuva de Lafforge 2 Tomos.  
Escavações Poéticas 1 Volume, por Antonio Feliciano de Castilho.  
Metamorphozes d' Ovidio, 1 Volume pelo mesmo.  
Palavras de hum Crente 1 Volume, pelo mesmo.  
As vinte cinco Prizões, 1 Volume, por Adriano Ernesto de Castilho Barreto.  
Collecões da Livraria classica Portugueza, por Castilhos, Antonio e José, de 1 ate 12.  
Collecões dos Quadros Historicos de Portugal.  
Em casa dos mesmos, se recebem assignaturas para a Historia do Conçulodo, e do Imperio de Napoleão, por Thiers, Editores Joaquim da Costa e Silva & C.<sup>a</sup> de Lisboa, deve conter 10 Volumes e cada volume com 6 Estampas, achando-se já em Casa dos unnucciantes algumas estampas para amostras.

No jornal *Treze de Maio* de 29 de novembro de 1845 saiu estampado um anúncio que apresentava a venda de livros em casa de Viúva Colares & C., casa de vendas que aparece em outros anúncios de folhas noticiosas. Entre os títulos da listagem consta o volume da obra *O Judeu Errante*, de Eugène Sue, um dos romances mais anunciados no Brasil, durante o século XIX.<sup>1</sup>

No ano seguinte, no dia 3 de outubro de 1846, o mesmo jornal *Treze de Maio* apresenta outro anúncio na seção AVISOS, no qual apresenta o romance *Viagens na Minha Terra*, de Almeida Garrett, em dois volumes, disponível aos leitores de Belém, no mesmo ano da sua publicação em Portugal pela Tipografia Gazeta dos Tribunais.

<sup>1</sup> *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal* (1848-1868).

Também consta o anúncio da obra em leilões [https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502817259\\_ARQUIVO\\_ResumocompletoAnpuh-Versaofinal.pdf](https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502817259_ARQUIVO_ResumocompletoAnpuh-Versaofinal.pdf)

O *Judeu Errante* foi publicado entre 1844-1845, no *Diário do Rio de Janeiro*.

**AVISOS.**

—Vende-se o verdadeiro Rapê Areia preta da Fabrica de Meuron & C.<sup>a</sup>, de Pernambuco. Este rapê é bastante conhecido, por sua superioridade, nas Provincias do Sul, e algumas pessoas preferem-no ao de Lisboa; no Maranhão já bastante é acreditado, onde se consome uma boa quantidade. Na rua do assougue casa de Manoel José Antunes, confronte ao Trem e na dos mercadores, lojas dos Srs. A. C. da Cunha Coimbra & C.<sup>a</sup>, e na do Sr. Francisco José d' Araujo.

—Chegaraõ os n<sup>os</sup> 2 a 9 do 6.<sup>o</sup> volume da Revista Universal Lisbonense e 3.<sup>o</sup> volume da Historia do Consulado e do Imperio de Napoleaõ; os Srs. assignantes teraõ abundade receber os seus exemplares no Armazem de Viuva Colares & C.<sup>a</sup> Os mesmos recebem assignaturas para as Viagens na minha Terra, por Almeida Garreth que constará de 2 volumes, tendo-se já publicado o 1.<sup>o</sup>

—Manoel Ferreira da Siva, Subdito Portuguez, retira-se com sua familia para Maranhão. Pará 3 de Outubro de 1846.

A nota divulga, além do romance de Garrett, a *Revista Universal Lisbonense*, publicada semanalmente em Lisboa, entre os anos de 1841 e 1853, que teve entre seus editores António Feliciano Castilho, cuja obra também é anunciada no mesmo periódico em locais de vendas de livros na cidade, como a loja de José da Costa Velozo Faria & C., rua dos Mercadores n. 16. (Jornal *A Epocha*, 1859) e em diversos jornais da época.

O comércio de livros e a existência de livreiros demonstra a efervescência cultural da província, que estava atualizada com a chegada de obras na segunda metade do século XIX, quando o movimento cultural se potencializa, e em 1854 o jornal *Treze de Maio* notifica a existência de importantes livrarias:

**LIVRARIA  
POPULAR E HISTORICA.**

Edições baratissimas dos melhores livros de Literatura antiga e moderna: Assina-se na nova Loja de Godinho, Tavares & C.<sup>a</sup> ao Vêr-o-pezo, onde se distribuem gratis prospectos a quem os exigir.—

A Empresa da Livraria Popular e Historica, actualmente está publicando a Biblia sagrada, contendo o velho e novo Testamento, segunda edição, ornada de estampas, publicada debaixo dos auspicios do Eminentissimo Senr. Cardial Patriarcha. A Empresa previne o publico que não confunda esta edição com uma outra da Biblia que está publicandõ a empresa intitulada Biblioteca Economica, a qual está içada dos erros de que se faz especial menção no principio do caderno n.<sup>o</sup> 1.<sup>o</sup>—

Na Loja acima acha-se á venda o n.<sup>o</sup> 1 a 5 da Biblia, com as competentes estampas, e bem assim os Romances Filho do Diabo, S. Clair, e Cego da Fonte de Santa Catharina.

O comunicado que remete à Livraria Popular e Histórica e a Loja de Godinho, Tavares & C., no Ver-o-peso apresenta uma edição da Bíblia Sagrada, mas ao final do reclame, constam títulos de romances à venda, entre eles *Saint Clair das ilhas*, um dos romances mais lidos na época e comentado em diferentes narrativas da literatura brasileira.<sup>2</sup> Esse anúncio é de seis de junho e repete o mesmo reclame divulgado no dia quatro do mesmo mês, quando iniciou a propaganda reproduzida em outros dias no jornal. Essa e outras propagandas notabilizam o comércio livreiro em Belém no século XIX e são fontes precisas que nos fazem recuperar o movimento da cultura letrada no local, promovida, especialmente, pela circulação de obras recebidas para a comercialização.

Os pontos comerciais para vendas de livros não se ocupavam de uma exclusividade e noticiavam desde obras religiosas, missais, dicionários, como manuais de medicina, formulários para advogados, folhinhas d'algibeira, manuais enciclopédicos e romances. No dia vinte e três de outubro de 1856, o mesmo jornal *Treze de Maio* se encarregou de estampar a lista de obras à venda, recentemente chegadas de Lisboa, na Livraria Santos & Irmãos. O anúncio apresenta dezenove obras recebidas e, ao molde da época, mesclava narrativas com dicionários e livro de catecismo. Entretanto, o que assinala a importância é o anúncio de obras comumente comercializadas em outras localidades ao mesmo tempo que eram expostas à venda em Belém. Entre os títulos mais difundidos, constam: *O Judeu errante*, *Gil Blás*, *Ivanhoé*, como outras obras que sequer temos mais notícias atualmente: *Carlota Corday*, de Eugênia Foa<sup>3</sup> e *Beatriz e o Aventureiro*, de Guilherme Centazzi<sup>4</sup>. Outros títulos não são capazes de identificar, pois muitas

---

<sup>2</sup> O romance *Saint Clair das ilhas* é citado em diferentes momentos nas obras da Literatura Brasileira, entre elas, no conto "Ayres e Vergueiro", de Machado de Assis, conto de 1871, publicado no *Jornal das Famílias*: "Conversava com ele longas horas, ensinava-lhe alguns jogos, lia-lhe o *Saint Clair das Ilhas*, aquela velha história de uns desterrados da ilha da Barra" (ASSIS, p. 22). Também no romance *Quincas Borba* (1891): "LOGO QUE RUBIÃO dobrou a esquina da Rua das Mangueiras, D. Tonica entrou e foi ao pai, que se estendera no canapé, para reler o velho *Saint-Clair das Ilhas* ou os Desterrados da ilha da Barra. Foi, o primeiro romance que conheceu; o exemplar tinha mais de vinte anos; era toda a biblioteca do pai e da filha. Siqueira abriu o primeiro volume, e deitou os olhos ao começo do cap. II, que já trazia de cor. Achava-lhe agora um sabor particular, por motivo dos seus recentes desgostos." (ASSIS, 1994. p. 123E na célebre narrativa autobiográfica de José de Alencar, *Como e porque sou romancista* (escrito em 1873 e publicado em 1893): "Nosso repertório romântico era pequeno; compunha-se de uma dúzia de obras entre as quais primavam a *Amanda e Oscar*, *Saint-Clair das Ilhas*, *Celestina* e outras de que já não me recordo." (ALENCAR, 1893. p. 21)

<sup>3</sup> A referência ao romance *Carlota Corday D'Armans ou os perigos da exaltação* está na Tese de Doutorado *Jornais-romance: uma história não contada da circulação de romances no Brasil* (2016), de Izenete Garcia Nobre, como publicado no jornal *Espelho Fluminense* entre 26/08/1843 e 01/09/1843.

<sup>4</sup> *Beatriz e o Aventureiro*, de Guilherme Centazzi, publicado pela primeira vez em 1848 em dois volumes, é entre os romances de Centazzi que fundam a ficção histórica longa e o romance de "saga" passada em época anterior ao autor.

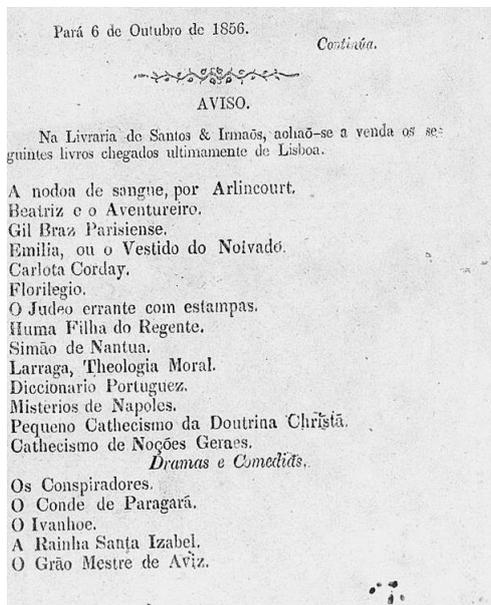
vezes a escrita era adulterada, o que não permite a localização. Quanto às obras capazes de reconhecer, *O Judeu errante*, *Gil Blás*, *Ivanhoé* foram títulos que circularam com frequência entre os leitores oitocentistas. *A História de Gil Blás* esteve entre os livros mais remetidos para o Brasil entre 1810 e 1843, como também foi um dos mais anunciados no *Jornal do Commercio*, entre os anos de 1827 a 1844, com oitenta e nove reclames (ABREU, 2013). Ainda sobre *A História de Gil Blás*, William Tognolo (2015) nos informa:

A história de Gil Blas esteve sempre entre os três livros mais solicitados à censura lisboeta e carioca do fim do século XVIII e início do XIX, obteve 20 edições na França na primeira metade do XIX, foi amplamente anunciado no *Jornal do Commercio* na primeira metade do novecentos e despontou nas duas primeiras posições dos romances mais procurados na Biblioteca Nacional e Pública entre 1833 e 1856. (TOGNOLO, 2015, p. 44)

Da mesma forma, *O Judeu errante* foi uma obra presente entre as leituras ofertadas ao público durante o século XIX brasileiro. Constam informações da obra em anúncio de leilão realizado por H. Cannell, no Rio de Janeiro, divulgado no jornal *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal*, em quatro de agosto de 1857 (TOGNOLO, 2015); como também sua publicação em folhetim entre os anos de 1844-1845, no *Diário do Rio de Janeiro* (ABREU, 2013). Essas duas obras fizeram parte da composição do gosto popular que alimentou a mente do público oitocentista e enquanto nutriram as mentes dos leitores, povoaram as páginas escritas pelos escritores, que atestavam suas experiências de escrita nos livros de memórias e narrativas, como Taunay que leu *Ivanhoé* e o *Judeu Errante*, conforme registra Hebe da Silva (2009):

Para mim começara este furor de leitura desde fins de 1852, causando-me a primeira novela por que me interessei verdadeiro deslumbramento – *Ivanhoé*, de Valter Scott. Aquilo se me afigurou estupendo, sublime e, como tinha a possibilidade, quando ia com meu pai ao Engenho Novo, de trazer de lá livros, não havia como faltar-me. Assim da biblioteca do tio Beaurepaire tirei o *Judeu Errante*, oito grossos volumezinhos, edição de Bruxelas, que devorei sem parar. Também em extremo apreciei uma contrafação de Valter Scott – Aymé Verd – estes três romances foram os primeiros de que tomei conhecimento naqueles anos de 1852 e 1853. (SILVA, 2009. p. 5)

E para além do registro nas memórias, a obra esteve presente no catálogo do Rio de Janeiro na British Subscription Library, inaugurada em 1826 e no acervo do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro (VASCONCELOS, 2008)<sup>5</sup>.



Todas essas informações comparativas são úteis para recuperar o protagonismo que Belém experimentava no século XIX e, mesmo em relação às obras sobre as quais não temos conhecimento na atualidade, sua circulação compreendia novidade à época, como *Beatriz e o Aventureiro*, constantemente anunciada em diversos jornais do país entre os anos de 1849 a 1887. No dia 22 de novembro de 1849, consta no *Jornal do Commercio* um anúncio da venda dos dois volumes da obra, na Livraria Garnier, juntamente com outros volumes de autores muito lidos, como Paul de Kock, Soulier, Eugène Sue, Alexandre Dumas, entre outros. A obra também é anunciada em seus dois volumes no jornal *Diário de Pernambuco*, no dia vinte e seis de agosto de 1850, na loja da rua Nova, n. 6, de José Joaquim Maya Ramos & Companhia, com a manchete “Livros Novos”, e “que se vendem por preço muito cômodo”. Além dos referidos até aqui, a obra do escritor português Guilherme Centazzi, considerado o precursor do romance português foi notificada em diferentes jornais de Belém e do país, como n’*O Constitucional* do Rio de Janeiro, em 1851; *O Constitucional da Bahia*, de 1852; o *Correio Mercantil* do Rio de

<sup>5</sup> Sandra Vasconcelos localizou o romance nos seguintes locais: *Ivanhoé*, romance, 1819 - Rio de Janeiro Subscription Library.

*Ivanhoé*. Trad. al castellano. Nueva York, Behr y Kahl, 1827 - Gabinete Português de Leitura RJ

*Ivanhoé* - B.L. Garnier, Gabinete de Leitura Sorocabano.

*Ivanhoé*. Trad. por Antonio José Ramalho, Lisboa, 1836 - Gabinete Português de Leitura RJ.

*Ivanhoé*, ou o regresso do cruzado. Vertido em português por E. P. da Camera, Paris, J.P. Aillaud, 1837 - Mongie, Biblioteca Fluminense, Gabinete Português de Leitura RJ, Biblioteca Municipal RJ, Laemmert (1841).

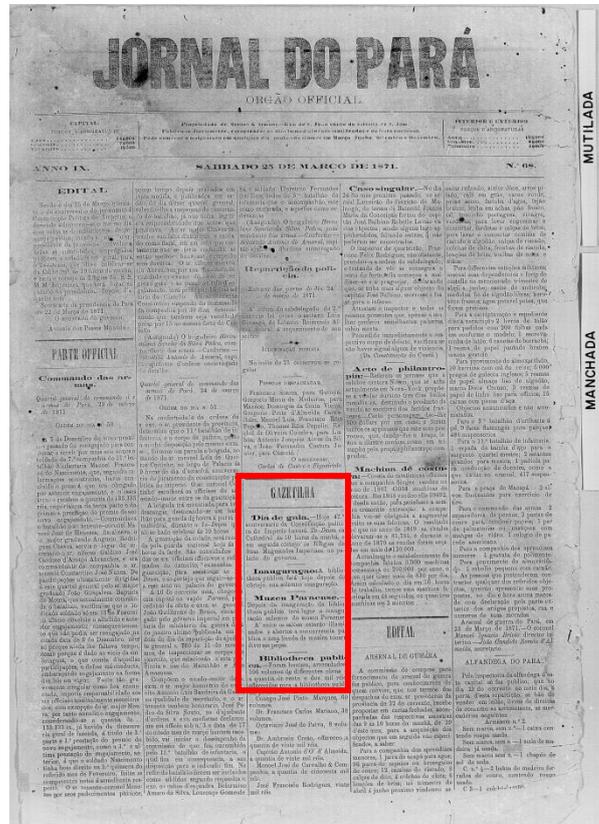
Janeiro, no ano de 1852; no *Diário do Rio de Janeiro*, em 1854, com sete anúncios da Livraria Garnier. Ainda em 1854, o *Anuario Administrativo e Literario do Gabinete Portuguez* de Pernambuco, anuncia os dois volumes do romance; o jornal *Treze de Maio*, em 1856, de Belém, como também a *Gazeta Official e A Epocha: Folha Política, Commercial e Noticiosa*, em 1859, quando notificam obras que estão à disposição para os sócios, no Gabinete de Leitura. Igualmente a *Folhinha: Para o Anno de 1862* e a *1ª Lei: Estabelecendo o Modo e as Condições do Recrutamento para o Exército e a Armada* (RJ), 1875 anunciam a obra e a *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, no ano de 1886 apresenta três anúncios em locais diversificados como venda do título: em 14/07/1886 na Liquidação da livraria de José Martins Ribeiro, no dia 27/09/1886, na Livraria do povo, uma das mais conhecidas do século XIX e na data de 11/10/1886, no reclame também da Livraria do Povo, com o título “soberbos romances encadernados”.

A circulação da obra *Beatriz e o Aventureiro*, assim como as demais referidas nesse breve panorama ilustram a inserção de Belém em uma história cultural que nascia no país à luz da importação de obras estrangeiras e a instituição de uma literatura nacional.

Mas certamente, o grande ícone que dá visibilidade a um movimento de homens e livros é a criação do Grêmio Literário Português em 1867, originalmente chamado de Gabinete de Leitura, instalou-se com 140 sócios e teve sua primeira sede, alugada, localizada à rua Belém, nº1 – 1º andar e antes de hospedar-se na atual sede, localizada à rua Senador Manoel Barata, em 3 de abril de 1906. A composição da Biblioteca se estabeleceu aos poucos, por meio de doações e aquisições realizadas com o livreiro português, Antônio Maria Pereira, e o acervo ilustra o local mais importante do século para a existência de um público leitor, que adquiria as obras por empréstimo. O acompanhamento da constituição do acervo da biblioteca teve publicidade nos jornais da época, que noticiaram a chegada das obras pelos vapores, como também o movimento dos livros. As listas mostram uma remessa com grande número de romances de Enrique Pérez Escrich, Paul de Féval, Xavier de Montepain, Paul de Kock, Camilo Castelo Branco, Émile Zola, Maria Amália Vaz de Carvalho, Almeida Garrett, Júlio Verne, entre outros que faziam o gosto do público no período. Além da existência do espaço com destino às aulas de línguas estrangeiras e cursos profissionalizantes.

Potencializada pela forte influência europeia, Belém pode ser considerada como uma cidade que manteve uma movimentação intelectual no período oitocentista não só pela presença dos livros, o que infere a existência de leitores, mas também pela existência de outras

instituições surgidas no mesmo século, como o Museu Emilio Goeldi<sup>6</sup> e a Biblioteca Pública, em 1871, o Theatro da Paz, em 1878<sup>7</sup> e o Bosque Rodrigues Alves, em 1883<sup>8</sup>.



A imagem do *Jornal do Pará*, de 1871 apresenta o registro da inauguração do Museu paraense, como foi denominado originalmente e da Biblioteca Pública que abriu suas portas com 106 volumes, conforme notifica a notícia.

As informações acerca da construção de uma história cultural na Amazônia paraense são possíveis em grande parte pela recuperação dos subsídios constantes em fontes primárias<sup>9</sup>,

<sup>6</sup> Surgido no auge das expedições naturalistas e em meio à urbanização e desenvolvimento da cidade, o Museu Paraense foi um dos marcos para a cidade e seu surgimento esteve presente em diversos jornais do país, a saber: *Diário de Pernambuco*, *Diário do Rio de Janeiro*, *Jornal do Recife*, *Correio Paulistano*, *Jornal do Commercio*, *O Cearense*, *Diário de São Paulo*, *Jornal da Tarde* (RJ), *Diário do Maranhão*, entre outros.

<sup>7</sup> O Theatro da Paz recebeu esse nome pelo Bispo da época Dom Macedo Costa, em homenagem ao fim da guerra do Paraguai. O Theatro foi construído com recursos obtidos no Ciclo da Borracha e é considerado um dos teatros-monumentos do país, segundo o IPHAN. In: SILVEIRA, Rose. *O Theatro da Paz e sua história*. - <http://web.archive.org/web/20081015203521/http://www.theatrodapaz.pa.gov.br/historico3.htm>

<sup>8</sup> O espaço abriga mais de 80 mil espécies de flora e fauna da região Amazônica e é importante polo de estudos, além da visitação turística.

<sup>9</sup> Desde 2003 dedico pesquisas acerca da história da leitura e cultural na cidade de Belém e arredores. Os projetos que coordenei, *História do romance no Brasil - século XIX* (2003-2006); *Lendo o Pará: publicação do romance-folhetim nos jornais de Belém do Pará na segunda metade do século XIX (1850-1890)* (2006 - 2009), com financiamento do CNPq; *História da leitura no Pará (século XIX) (2008 - 2011)*, com financiamento da FAPESPA;

como os periódicos, e já existe um número significativo de trabalhos acadêmicos responsáveis por atestar a existência de todo um movimento cultural presente na Belém oitocentista e seu entorno. Entre as pesquisas acadêmicas que dão conta de recuperar as referências, fundamentais são os dados sobre a ocorrência do romance-folhetim nos jornais<sup>10</sup>, leitura constante nas folhas noticiosas, com incidência marcante dos escritores franceses que mais fizeram sucesso no período, como Posson du Terrail, Paul de Kock, Eugène Sue, Xavier de Maupassant, entre outros autores. Sendo um local colonizado por portugueses com clara influência desses habitantes lusos que cá chegaram e se instalaram, os escritores portugueses recebem destaque, da mesma forma e são frequentes as notícias de vendas de livros desses escritores, como a reprodução das obras, algumas já editadas em Lisboa e reimpressas nas folhas periódicas<sup>11</sup>, como merecem ênfase os estudos das obras raras desses romancistas<sup>12</sup>. Também é essencial a pesquisa de Izenete Nobre<sup>13</sup> quando esboça o cenário da formação do sistema literário na Belém oitocentista e remete não só às leituras que chegavam pelas navegações, mas às primeiras tipografias da cidade e à presença de um público leitor em ascensão. A investigação de Izenete Nobre encontra ressonância nos trabalhos de Alessandra Gaya Pamplona<sup>14</sup>, na qual recobra a produção inicial do importante crítico paraense José

---

*Projeto PROCAD UFPA-UERJ - Circulação e produção literária no Pará: 1850 a 1950 (2009 - 2013)*, com apoio da CAPES; *Trajatória literária: a constituição da história cultural em Belém no século XIX (2010 - 2012)*, financiado pelo CNPq; *Correspondências literárias: a circulação de romances-folhetins em jornais diários fluminenses e paraenses no século XIX (2011 - 2013)*; *Memória em periódicos: a constituição de um acervo literário (2012 - 2016)*, atendido em edital CNPq; *Leituras à prova do tempo: a crítica ao romance em jornais diários no século XIX (2014 - 2017)* e *Boa noite senhor! Boa noite senhora: histórias contadas e recontadas em impressos no século XIX (atual)*

<sup>10</sup> A dissertação de Mestrado de Rosana Assef FACIOLA, com o título: *Os romances-folhetins dos jornais de Belém do Pará entre 1860 e 1870 (2005)* traçou o panorama dos romances-folhetins publicados na década de 1860 e 1870, nos jornais paraenses. Maria Lucilena GONZAGA COSTA, na Dissertação *Gazeta Oficial: periódico noticioso e literário (2008)*, recuperou não só a prosa de ficção divulgada no importante periódico *Gazeta Oficial*, como também os reclames de vendas de livros e as apreciações críticas ali presentes. Lady Ândrea Carvalho da CRUZ em sua dissertação *A coluna folhetim no Diário de Notícias, nos anos de 1881 a 1889 (2012)* analisou a coluna folhetim e a miscelânea de escritos presentes no espaço. Edimara Ferreira SANTOS, na dissertação *Dumas, Montépin e du Terrail: a circulação dos romances-folhetins franceses no Pará nos anos de 1871 a 1880 (2011)*, recuperou a produção em jornais desses renomados escritores franceses na década referida, o que resultou em um trabalho de análise crítica e uma antologia dos escritos estéticos.

<sup>11</sup> A produção dos escritores portugueses está presente nas dissertações de Almir Pantoja RODRIGUES, *Folhetins portugueses em jornais paraenses na segunda metade do século XIX (1860-1877) (2008)*; Sara Vasconcelos FERREIRA, *A circulação de narrativas ficcionais de Eça de Queirós na Província do Pará (2017)*, Neila Mendonça Garcês LIMA, *As narrativas camilianas no espaço folhetim do Diário do Gram-Pará na década de 1860 (2014)* e na Tese de Doutorado de Maria Lucilena Gonzaga COSTA, *Laços luso-paraenses na imprensa oitocentista (2017)*.

<sup>12</sup> Os romances portugueses presentes no acervo da Biblioteca Fran Pacheco foram objeto de estudo para as dissertações de Cláudia Gizelle Teles PAIVA, *Entre jornais, livrarias e gabinetes de leitura: a circulação dos romances Camilianos no Pará oitocentista (2016)* e Vanessa Suzane Gonçalves dos SANTOS, *Ideias preliminares: uma leitura dos prefácios camilianos (2014)*.

<sup>13</sup> Izenete Garcia NOBRE. Dissertação de Mestrado: *Leituras a vapor: a cultura letrada na Belém oitocentista (2009)*.

<sup>14</sup> Alessandra Greyce Gaia PAMPLONA. Dissertação de Mestrado: *A consagração periódica de José Veríssimo (1877/1884) (2009)*.

Veríssimo e demonstra o valor dessa participação para a cultura local e Alan Flor da Silva, na ocasião em que comprova uma produção local, originalmente divulgada nas folhas periódicas<sup>15</sup>.

### Considerações finais

Em um contexto dominado pelos homens escritores, torna-se essencial referir as pesquisas que retomam a autoria feminina<sup>16</sup> no cenário oitocentista, como também a presença de autores brasileiros nas páginas dos jornais<sup>17</sup> e os estudos que retomam as instituições de educação e leituras e demais resultados nas cidades do entorno<sup>18</sup>. Não foi em menor escala que os estudos críticos estiveram presentes para os leitores oitocentistas de Belém. Inúmeros jornais se ocuparam de um assunto oportuno à época: a apreciação negativa ao gênero romance<sup>19</sup>, mote comum desde o surgimento do gênero<sup>20</sup> e que se estendeu por todo o mundo ocidental.

Notório de igual forma é o trabalho de pesquisa desenvolvido por Valéria Augusti<sup>21</sup>, cujo projeto *Paris na América: site e banco de dados de romances franceses no Grêmio Literário*

---

<sup>15</sup> Os trabalhos de Alan Victor Flor da SILVA deram conta de reintegrar os autores paraenses à cena da História da Literatura. Na Dissertação de Mestrado: *Marques de Carvalho na imprensa periódica belenense oitocentista (1880-1900)* (2014) e na Tese de Doutorado: *Vida literária em Belém oitocentista: o papel do Diário de Belém (1880 a 1890)* (2018).

<sup>16</sup> A representação feminina protagonizou as dissertações de: Raimunda Iolanda de OLIVEIRA, *Manifestações literária femininas em jornais paroaras na segunda metade do século XIX* (2006); Shirley Lianne Medeiros da SILVA, *Damas e folhetins: a circulação de escritoras francesas no periódico oitocentista a província do Pará* (2012); Denise Araújo LOBATO, *Júlia Lopes de Almeida nos periódicos A província do Pará e Diário de Notícias* (2016).

<sup>17</sup> Com predominância de autores estrangeiros nas publicações periódicas, os escritores brasileiros não foram proeminentes, mas tiveram seu espaço. As dissertações de Juliana Yeska Torres MENDES, *Autores brasileiros no Jornal do Pará* (2017); Daniele Santos da Silva, *Contos de Machado de Assis no Periódico Folha do Norte* (2017) e Patricia Carvalho MARTINS, *Jornal do Pará: o caminho literário entre espaços e diálogos na Belém oitocentista* (2011).

<sup>18</sup> Os espaços e periódicos responsáveis por fundamentar uma história do livro e da leitura não ficaram restritos à cidade de Belém. As dissertações de Joseane Sousa Araújo, *Arquivos, bibliotecas e periódicos na Vigia de 1870 a 1890* (2011) e Maria Luiza Rodrigues Faleiros Lima, *A prosa de ficção nos jornais cametaenses do século XIX* (2017), notabilizam esse escopo.

<sup>19</sup> O romance como leitura subversiva e contradito à moral, pelos vícios excessivos foi objeto de avaliação em diversos jornais da época. A dissertação de Márcia do Socorro da Silva PINHEIRO *Fabiola: A subversão, a moralização e a virtude recompensada* (2017), o trabalho de conclusão de curso de Jeniffer Yara Jesus da SILVA, *Sob o manto da moral: o romance em arguição* (2017) e os planos de Iniciação Científica de Jeniffer Yara Jesus da SILVA, *A Regeneração: o romance como progresso material e moral nos escritos maçônicos* (2016), a *A Boa Nova: periódico dirigido ao que for verdadeiro, honesto, justo, santo e amável* (2016) e *Estrela do Norte e Santo Officio: folhas noticiosas para as famílias* (2015); José Adauto Santos BITENCOURT FILHO, *O Pelicano: O Posicionamento religioso oitocentista perante o romance* (2015).

<sup>20</sup> ABREU, Márcia. Os caminhos do Romance. Campinas: Editora Mercado de Letras, 2003.

<sup>21</sup> Dissertações concluídas sob a orientação da Profa. Valéria AUGUSTI com tema voltado para a presença do romance francês na Belém oitocentista: Débora da Castro BORGES, *As mil e uma transfigurações de Rocambol: a personagem mais brilhante de Ponson du Terrail* (2016); Alessandra Pantoja Paes, *Das imagens de si ao mundo das edições: Paul de Kock, romancista popular* (2013).

Português do Pará deu conta de recuperar o acervo dos romances franceses na biblioteca Fran Pacheco<sup>22</sup>, extraordinária contribuição com o acervo de obras raras que ilustra a pesquisa em fontes primária na região.

Concluo, portanto, que desde o momento em que os pesquisadores passaram a se ocupar em olhar para o passado com uma visão positiva para valorizar o espaço que não se encontra nominado entre as referências mais substanciais para indicar o Brasil como um país de leitores, os resultados são promissores e positivos. Voltar-se para as regiões periféricas pode apontar caminhos e possibilidades igualmente positivas e surpreendentes, do que remeter as pesquisas somente para a Corte do império, àquela altura. A presença de jornais e a publicação costumeira da prosa de ficção; o comércio de livros; a existência de gabinetes, bibliotecas, instituições de pesquisas e escolas, entre outros fatores, alimentam e dão fôlego aos estudos e pesquisas que comprovam as fontes primárias como maior suporte de investigação e comprovação para a existência de uma cultura letrada na Amazônia paraense.

## Referências

ABREU, Márcia. *Conectados pela ficção: circulação e leitura de romances entre a Europa e o Brasil. O eixo e a roda*: v. 22, n. 1, 2013

BAENA, Antônio Ladislau Monteiro. *Ensaio corográfico sobre a província do Pará*. Edições do Senado Federal, 2004.

NUNES, Benedito. *Do Marajó ao arquivo: breve panorama da cultura no Pará*. Org. Victor Sales Pinheiro. Belém: EDUFPA/SECULT, 2012.

SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)*. 2ª. ed. Belém, PA: Paka-Tatu, 2002.

SILVA, Hebe Cristina da. *Prelúdio do romance brasileiro: Teixeira e Sousa e as primeiras narrativas ficcionais*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2009.

SILVEIRA, Rose. *O Theatro da Paz e sua história*. Disponível em: <http://web.archive.org/web/20081015203521/http://www.theatrodapaz.pa.gov.br/historico3.htm>. Consultado em 13/11/2018.

TOGNOLO, William de Oliveira. *A tiro de martelo! – estudo de anúncios de leilões de livros no Correio Mercantil (1848-1868)*. Monografia apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras – Português. Campinas, SP, 2015.

VASCONCELOS, Sandra. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Sandra/sandraleiv.htm>. Consultado em 28/07/2019.

---

<sup>22</sup> AUGUSTI, Valéria. <http://parisnaamerica.org>.